

Um credor analisa a situação brasileira. E acha cômica.

Com reservas estratégicas, formadas na previsão da insolvência brasileira, e com um pé atrás em relação à posição do governo, os bancos, credores da dívida externa vão empurrar o problema com a barriga para ver o que acontece com a economia interna dentro de seis a nove meses. Esta é a posição do vice-presidente de um dos maiores bancos credores do Brasil ao comentar, ontem, os passos que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, está dando após o anúncio da moratória técnica de duas semanas atrás.

As opiniões do alto executivo foram transmitidas ao empresário Lawrence Pih, presidente do Moimbo Pacifico, de São Paulo, e assessor informal do ministro do Planejamento, João Sayad. Pih tem, há muitos anos um intenso relacionamento com agentes do sistema financeiro internacional, conhecimento que obteve através de seu cunhado até há poucos anos diretor do Klienwort Bensen, um importante banco londrino.

Segundo Pih, o executivo do banco credor criticou os contatos com governos que o ministro Dilson Funaro realiza desde a última sexta-feira, pelo fato de entender que os governos, pelo menos nos

Estados Unidos, não têm nenhuma ascendência sobre os bancos privados. Os contatos de Funaro, na opinião do executivo, deveriam ser diretamente com os bancos pois são os banqueiros que visam o interesse de seus acionistas.

Pih contou que o banqueiro achou cômico o anúncio da moratória pelo governo, um fato que o sistema internacional já aguardava, diante da rápida deterioração da economia brasileira. O banqueiro considerou contraditório o compromisso do crescimento econômico e da manutenção do poder aquisitivo dos salários anunciado conjuntamente com medidas ortodoxas, como o corte dos gastos públi-

cos. "Ele achou ótima esta medida pois indica que o governo, sem ir ao Fundo Monetário Internacional (FMI), toma uma decisão recessiva", contou Pih.

O banqueiro, segundo Pih, entende que a queda da demanda atualmente não é decisão de governo, mas fruto da desorganização da economia. "A economia, para ele, está descontrolada depois do insustentável nível de crescimento do ano passado", relatou o empresário. O executivo ainda transmitiu a Pih o interesse dos banqueiros na mudança da equipe econômica brasileira que, para eles, não tem mais credibilidade. "Ele falou nu-

ma equipe pragmática e que tenha bom senso", disse Pih. De qualquer forma, o banqueiro lhe transmitiu que não tomou conhecimento da proposta brasileira para a dívida externa e considerou muito cedo para se falar em capitalização dos juros.

Segundo transmitiu o executivo, os banqueiros, disse Pih, aguardam medidas sérias e velocidade do resultado, motivo pelo qual deverão deixar o problema rolar até que dentro de seis a nove meses possam enxergar um quadro mais confortável da economia brasileira. Quanto à possibilidade de outros devedores seguirem o exemplo brasileiro, o executivo disse a Pih que esse problema está afastado. Isto porque a Argentina condenou a atitude brasileira e o único país que poderia seguir o mesmo caminho são as Filipinas, cuja dívida é insignificante diante dos 108 bilhões de dólares do Brasil. O banqueiro concluiu dizendo que a decisão brasileira foi estratégica ao suspender o pagamento dos juros de créditos superiores a um ano. Sem mexer na remessa de lucros e nos royalties, o Brasil tecnicamente evitou retaliações como o corte de créditos. Tudo com menos de um ano está sendo honrado.

Israel: inflação alta.

Após um período de estabilidade resultante do programa de austeridade instaurado pelo governo da Unidade Nacional e até pela queda dos preços do petróleo, a economia está novamente perdendo o controle. A previsão é do Hapolian Bank que previu

que a taxa de inflação alcançará 30% este ano depis dos 19,7% de 1986, destacando a possível desvalorização do shkel. Os economistas do banco israelense advertiram num estudo que reduções de impostos traduziram-se numa crescente pressão da demanda.